

ABORDAGEM CRÍTICO-CULTURAL DE LEITURA LITERÁRIA

Wellington Neves Vieira¹

Lícia Soares de Souza²

Resumo: Trata-se de encontrar o lugar do leitor crítico-cultural para propor um método de leitura literária de experiências subjetivas ideológicas e teóricas em relação à noção de poder na sociedade. Esta investigação foi motivada por questões como: Qual o lugar do leitor crítico cultural? E qual o lugar no leitor crítico-cultural que permite criar um sistema de análise de leitura literária? Toma-se como base o uso da linguagem como operador de uma estrutura tática de poder institucionalizado no seio da sociedade. Discutido do ponto de vista de Stuart Hall (2003); Gomes (2011) e de Iúri Lotman (1978, 1979). Aplicados a leitura do poema “O bicho”, de Manuel Bandeira. Essa abordagem possibilita uma ativação das experiências subjetivas do leitor e evidencia como resultado um ato emancipador do sujeito leitor.

Palavras-Chave: Lugar do leitor crítico-cultural. Leitura literária. Método de ensino da leitura literária crítico-cultural.

¹ Doutorando em Crítica Cultural – Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus-II – Alagoinhas - Bolsista (Capes). É membro do Grupo de Pesquisa “A estética da Necropolítica no Cinema e na Literatura brasileira” - (CNPQ) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atua, sobretudo, nos seguintes temas: Literatura e Crítica Cultural, Letramento Literário; Formação de Professores no Âmbito do Letramento Literário; Letramento Literário no Âmbito da Crítica Cultural; Semiótica Cultural. Endereço eletrônico: wellington.nevieira@gmail.com.

² Professora, Orientadora e Coautora. É Doutora permanente do Programa de Pós-Graduação Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atua, principalmente, nos seguintes temas: americanidade, literatura comparada, literatura brasileira, telenovela e Canudos. Endereço eletrônico: licia-sos@hotmail.com.

A CRITICAL-CULTURAL APPROACH TO LITERARY READING

Abstract: It is about finding the place of the cultural-critical reader to propose a literary reading method of ideological and theoretical subjective experiences in relation to the notion of power in society. This research was motivated by questions such as: What is the place of the cultural-critical reader? And what is the place in the cultural-critical reader that allows for the creation of a system of literary reading analysis? It takes as its basis the use of language as an operator of a tactical structure of institutionalized power within society. Discussed from the point of view of Stuart Hall (2003); Gomes (2011) and Lúri Lotman (1978, 1979). Applied to the reading of the poem "O bicho" by Manuel Bandeira. This approach enables an activation of the subjective experiences of the reader and evidences as a result an emancipating act of the reader subject.

Keywords: Place of the critical-cultural reader. Literary reading. Method of teaching critical-cultural literary reading.

Introdução

Pesquisas recentes têm evidenciado uma preocupação em relação a ausência de leituras e esvaziamento da prática de ensino da leitura literária. Esse cenário é demarcado por Cosson (2006) em as práticas de letramentos literários, a função da literatura na escola já sinalizada por Zilberman (2021), Dalvi (2021), Macedo (2021), Ribeiro (2021) e Corsino (2021).

Essas investigações levam em conta que a percepção da leitura e habilidade de interpretação são desenvolvidas por meio de práticas de ensino e gosto significativos de leitura.

ra que tocam o sujeito leitor. Isso acarreta uma reflexão sobre o ensino e abordagem da leitura literária. Portanto, a presente pesquisa objetiva encontrar o lugar do leitor crítico-cultural para propor um método de leitura literária de experiências subjetivas ideológicas e teóricas em relação à noção de poder na sociedade. Para isso, tenta responder as seguintes problematizações: Qual o lugar do leitor crítico cultural? E qual o lugar no leitor crítico-cultural que permite criar um sistema de análise de leitura literária?

O primeiro tópico traça uma abordagem crítico-cultural compõe-se a cena por elementos como o “códigos negociados”, Stuart Hall (2003); “Leitor Cultural” por Gomes (2011) e “Semiosfera”, “Sistemas modalizantes” e “Fronteira” por Lúri Lotman (1978, 1979). A segunda cena aplica-se essa vertente teórica na leitura do poema “O bicho”, de Manuel Bandeira.

Como resultado dessa abordagem encontra-se subjetivamente o lugar do leitor crítico-cultural no espaço fronteiro de códigos culturais negociados. Desse modo abriu uma fenda de perspectivas teóricas que pudessem mobilizar o lugar no leitor crítico-cultural que permitisse criar um sistema de análise de leitura literária como leitura cultural.

Com esse método a ação do sistema modalizante evidencia os sentidos dos signos culturais, que são emergidos dentro de um contexto de decodificação de relações de poder onde uns controlam e outros são controlados. Esta ação aplicada ao texto literário parece favorável também para a formação do leitor modalizante como leitor da cultura.

Em hipóteses essa proposta parece encontrar um caminho promissor a pedagogia literária, cujos aspectos podem ser mobilizados e aplicados em sala de aula como elementos orientadores para expandir a interpretação da leitura literária. Destarte, essa abordagem parece permitir uma ativação

das experiências subjetivas do leitor e evidencia como consequência um ato emancipador do sujeito leitor.

Abordagem crítico-cultural

Hall impulsiona a teoria da recepção como um ato político. E defende a tese de que as questões políticas devem atuar pela via da construção e reconstrução de significados, advertindo, não obstante, para a falsa representatividade e inviabilidade de um sentido fixo, no combate pela inexistência de uma lógica determinante global que permita decifrar um significado fixamente (HALL, 2003). Esse movimento é de suma importância para a formação do leitor crítico-cultural, pois permite reconhecer os modos de agenciamentos da semiosfera do poder e traduzir para a sua realidade local, regional e global.

Carlos Magno Gomes ao falar do “Lugar do Leitor Cultural” defende “[...] uma prática interdisciplinar de leitura em que a interculturalidade não pode ficar de lado das interpretações contemporâneas” (GOMES, 2011, p. 2) Esse fator é preponderante para a formação do leitor de cunho político, pois “o propósito é mostrar o quanto a leitura literária pode se tornar uma leitura social quando explora os elementos estéticos e culturais de forma politizada” (GOMES, 2011, p. 2) o modo interdisciplinar de leitura explorados pela via da leitura social, estética e cultural ativa a subjetividade política do leitor e o baliza para romper com os sentidos naturalizados que são fixados pela lógica determinante. “Os códigos negociados operam através do que podemos chamar de lógicas específicas ou localizadas: essas lógicas são sustentadas por sua relação diferencial e desigual com os discursos e as lógicas do poder” (HALL, 2003, p. 402).

Assim, entende-se que a leitura literária como uma leitura de ato socio-cultural deve adentrar no horizonte do espaço negociado, porque é nesse espaço que se encontra a

perspectiva estética, cultural e política de significação. O jogo da negociação dialoga diretamente com a Semiótica da Cultura, principalmente, com as ideias de Iurii Lotman (1979) a respeito dos conceitos de Sistemas Modalizantes, Semiosfera e Fronteira. O semioticista russo defende

A compreensão da cultura como informação e sistema perceptível de texto enquanto linguagem determina alguns métodos de pesquisa. Ela permite examinar tanto etapas isoladas da cultura como todo o conjunto de fatos histórico culturais na qualidade de uma espécie de texto aberto (LOTMAN, 1979, p. 32).

Isso aplicado à leitura do texto literário como um espaço negociado como discutido por Hall, parece dar conta de uma pesquisa que privilegia o letramento literário de caráter crítico-cultural e político como ferramentas essenciais para a emancipação do sujeito. Logo entender a perspectiva negociada é compreender, também, que esse ato é composto por elementos de modalizações semiosféricas e fronteiriças. Os sistemas modalizantes se constituem por bases primárias e secundárias, conforme explica, Lotman (1978, p. 79):

Sistemas modalizantes primários e sistemas modalizantes secundários. Os primeiros correspondem às línguas naturais e, geralmente, demandam apenas uma estrutura de ação para existirem, ou seja, um único cruzamento entre expressão e conteúdo; os segundos (como as artes, a religião etc.), por sua vez, a) possuem o sistema primário (a língua natural) como base, mas b) recebem, posteriormente, uma estrutura complementar, secundária, de tipo ideológico, ético, artístico ou de qualquer outro tipo.

O elemento negociador se modaliza a sua necessidade por meio de um documento jurídico que limite a liberdade do sujeito, levando-o num estado de negociação quase sempre, em sua maioria, vantajosa para o sujeito dominador, pois os

efeitos modalizantes primários e secundários acarretam um estado de exceção — afirmando se ele está dentro ou fora da lei, constitui-se num sistema modalizante secundário.

É o caso por exemplo do Estado criar portarias e decretos — como a reforma administrativa — vigente no nosso país que estabelece o teto de gastos públicos — essa proposta é colocada num ponto de códigos negociados pelo “interesse nacional” com isso o receptor (leitor) “[...] pode adotar a definição hegemônica, concordando que “todos devemos nos remunerar menos para combater a inflação” ou pode não concordar com esse efeito controlador e aceitar a necessidade de haver greve por melhores condições de trabalho”(HALL, 2003, p. 402).

Essa caracterização além de ser formulado dentro de um sistema de modalização, articula-se por meio da semiosfera e subsemiosfera. Lotman (1978) caracteriza esse conjunto de sistemas que se entrecruzam como um “continuum semiótico”, que deve ser chamado de *semiosfera*. “A cultura, sendo o lugar da semiosfera, subdivide-se em diferentes linguagens, criando-se, dessa forma, ‘subsemiosferas’, que adquirem uma identidade própria a partir da maneira específica como organizam a informação” (LOTMAN, 1978, p. 63).

Nesse sentido, entende-se que o “interesse nacional” é demarcado pela semiosfera, quando as escolhas são direcionadas ao uma classe em específico como a dos trabalhadores estamos mobilizando uma subsemiosfera. A semiosfera negocia através do sujeito com a subsemiosfera para garantir os seus interesses, de igual modo, a subsemiosfera negocia com a semiosfera para garantir os seus direitos. Destarte, ambos os espaços criam suas regras e as movimentam em sentido negociado, esse é o lugar do leitor crítico-cultural, sua atuação ocorre em ambos os espaços, cuja função é ser um agente negociador, desconstruir os conceitos sem destruir (BARTHES, 2010), mas sim re-ampliar novos signos para atu-

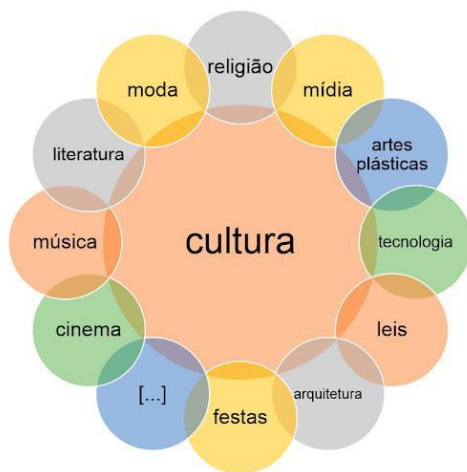
alizer o texto cultural de resquícios políticos e emancipador em favor dos mais necessitados.

É certo que a leitura literária de modo subjetiva tem a “finalidade de lhe fazer sentir as emoções e de poder exprimi-las na leitura de textos literários [...] leitor real aquele que não tem medo de dizer: “Foi assim que senti” e explicitar o que a obra literária nele suscitou. Isso é demonstrar consciência do que se sente[...] (XYPAS, 2018, p. 165) porém, deve-se lembrar que as emoções e sentidos no plano da expressão, podem se tornarem relativizadas em suas transmissões, por vários fatores, o texto literário simplesmente pode não ter tocado o leitor, a depender: do seu estado emocional, do seu modo de produção de vida, daquilo que consome como cultura, do seu nível de conhecimento e de tantas outras realidades do sujeito leitor. Isso mostra que os espaços da semiósferas são modalizadas na construção de uma dada cultura ou identidade comunitária.

Faz-se pensar que esse movimento subjetivo mais amplamente divulgado por Annie Rouxel (2013), Gérard Langlade (2013) e Neide Luzia de Rezendes (2013) é de caráter relativo, somente pensar no ensino da literatura por via da subjetividade não é suficiente, deve-se levar em consideração todo o contexto de aplicação desse tipo de mediação de leitura, por isso, que neste trabalho, o sujeito pesquisador, prefere nomear de “Subjetividade relativizada” que levam em consideração apenas o referencial da experiência vivida do leitor, possibilita em superficializar a compreensão dos fenômenos literários, que poderá ficar rasos, fora da dimensão crítica, deixando-o a desejar o preenchimento dos espaços vazios do texto literário.

Claro que, a subjetividade deve ser levada em consideração, não se pode anular, porém esta investigação defende a ideia de que a formação do leitor literário crítico-cultural e político deve ir além das leituras literárias subjetivas e deve

preocupar-se em alimentar a subjetividade do leitor com um aporte teórico/metodológico de reconhecimento das formas de relação de poderes que são vivenciados nas experiências desses leitores, isso é necessário por compreender que o indivíduo ocupa um espaço e esse espaço se constitui e elabora suas regras e significações em relação com outros espaços. Isso pode ser melhor evidenciado na imagem a seguir:



Fonte: <https://bit.ly/zRqttSP>. Acesso em: 20 set. 2021.

Basta observar que o ator social faz parte de uma semiosfera que se estrutura por várias subsemiosfera responsáveis pelas suas significações, são os signos culturais que encaminha as experiências do sujeito. Esse aspecto teórico e metodológico, é fundamental para orientar o leitor em sua formação crítica de leitura literária, vale lembrar que o ato político do leitor crítico-cultural se forma antes de tudo pela materialidade do texto literário que provoca sua memória cultural, com isso, aliada aos conceitos metodológicos do código negociado de Hall (2003) e da Semiótica da Cultura de Lotman (1979).

Essa investigação parece encontrar um caminho promissor a pedagogia literária, esses aspectos podem ser mobi-

lizados e aplicados em sala de aula como elementos orientadores para expandir a interpretação daquela subjetividade que por um momento foi limitada, agora, ganhou os espaços sociais, estéticos e ideológicos do texto literário, por meio do entendimento dos sistemas modalizantes e semisoféricos, pois o leitor crítico-cultural “há uma necessidade de uma noção política que se baseie em identidades políticas desiguais, não uniformes, múltiplas e potencialmente antagônicas” (BHABHA, 1998, p. 35) todos esses elementos são evidenciados nos espaços de seus acontecimentos.

Horizontes de análises literária crítico-cultural

O BICHO

MANUEL BANDEIRA

Vi ontem um bicho

Na imundície do pátio.

Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,

Não examinava nem cheirava:

Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão.

Não era um gato.

Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem³.

O efeito modalizante nesse poema ocorre primeiramente pelo título: “O Bicho” que modaliza na linguagem inúmeros horizontes de expectativa cujos sentidos estão atrelados ao signo animal. Esse horizonte cria paradigmas que nos remonta a algo como ferocidade, grosseiro, estúpido, mal-educado ou até mesmo feioso, como àquilo que nos causa terror, pois nos leva a perceber a ação sintagmática do

³ Fonte: <https://www.escritas.org/pt/t/4828/o-bicho> Acesso em: 20 set. 2021.

animal, “não examinava nem cheirava: Engolia com voracidade”, ou seja, uma ação monstruosa.

Todas essas percepções da ação do impacto da linguagem ressoa como um código modalizante de primeiro grau que o leva a desembocar no segundo grau — que é perceptível na marca ideológica quando nos situa a semiosfera da pobreza, miséria extrema, versus o daqueles que são detentores da riqueza, o que se observa no poema é um eu-narrador que se impressiona ao observar num determinado espaço “um bicho na imundice” a procura de comida, esse bicho só é evidenciado no final do poema, sobre o qual o eu-poético quebra com a linearidade do poema ao afirmar paradigma de bichos que não era um gato, não era um rato. e de forma abismada, O bicho, meu deus, era um homem.

Nessa percepção é notável que o método modalizante de primeiro grau nos balizar a interpretação do poema por meio de paradigmas e sintagmas como orientado por Barthes (1960) em “O Sistema da moda” que conduzem a uma semiótica social.

Por meio do sistema modalizante secundário, observa-se o código cultural representado dentro de uma semiósfera que revela uma condição humana icônica ao do animal, evidenciado aqui uma crítica do eu-poético ao sistemas de dominação que o leva o sujeito a uma condição precária de miséria que luta pela vida catando restos de comidas e age de modo irracional atendendo suas necessidades de sobrevivência.

O poema também reflete o espaço fronteiroço, o pátio é a fronteira entre aquele que vive na imundice e aquele que se espanta com tamanha miserabilidade humana, esse é o lugar do leitor crítico-cultural é a partir da imundice do pátio que o intérprete decodifica e codifica os signos sociais para poder traduzir para a semiosfera a sua representatividade.

O leitor crítico-cultural, atua nessa semiosfera como o agente negociador, a sua negociação como afirma Hall, ocorre por “leituras preferenciais”, de gosto estético, cultural e sociopolítico, pois a sua negociação ocorre no sentido de emancipação do sujeito que como bicho é invisível e ignorado aos olhos da sociedade, é justamente sobre isso que pauta a crítica do poema, no horizonte real de inúmeras pessoas que vivem nessas mesmas condições.

Vale ressaltar que “A crítica cultural tem o papel de analisar, interpretar as culturas e criticar o conjunto de artefatos presentes na sociedade capitalista” (VIEIRA, 2016, p. 179). Quando o sujeito toma esse posicionamento certamente está fazendo algum tipo de leitura e utiliza a linguagem para interpretar e analisar os sistemas culturais e seus artefatos.

A investigação de uma prática crítica cultural está focalizada dentro das relações sociais pelas quais a cultura é produzida e consumida, e, que, portanto, a interpretação das culturas está baseada no entendimento da sociedade, política e economia, bem como em análises textuais de autores que representam sistemas culturais marcados pelo social, político, econômico, racial e ambiental, que são frutos de suas próprias contextualizações históricas (p. 185).

É de claro entendimento que a proposta crítica cultural busca traduzir as condições e os modos de produção de vida das pessoas na contemporaneidade, situado numa análise de projeto da modernidade adentrada nas esferas históricas, filosóficas e estética.

No livro intitulado: *Primeiros passos de um Crítico Cultural*. Entende que a crítica cultural deve revisitar:

A modernidade histórica: que impõe o modelo histórico ocidental ao resto do mundo. Seguido da modernidade filosófica: que analisa o homem

ocidental, branco, burguês na criação e controle das formas institucionais e práticas do pensamento. Finalizada na modernidade estética: que é uma descoberta do campo linguístico-literário, a partir da noção de signo e sua duplicidade, significado e significante, com a possibilidade de se jogar a série significante sobre a série significada (SANTOS, 2015, p. 21-22).

Como se pode notar a prática crítica cultural é antes de tudo uma operação refratária que envolve e analisa os inúmeros processos constitutivos e característicos da modernidade triádica, entre elas: os questionamentos sobre instituições com ordens de dominação sobre o sujeito e suas formas de produção de arte e crítica. Com isso, a semiótica da cultura é uma forte aliada para instrumentalizar o crítico cultural em suas análises de sistemas de signos culturais.

Como atualização dos sentidos literários, o poema nos remete a uma leitura social porque envolve paradigmas da estética e da cultura de uma semiosfera pós-metafísica que reflete a problematização de um fenômeno social em escala global. A miséria e a fome, como sintagmática do extermínio.

E por isso, não se pode deixar de mencionar em paralelo com a nossa realidade, algumas imagens recentes que presenciamos na revista "*Isto É*" e em inúmeras mídias: pessoas cantando ossos para comer. Outro exemplo é o documentário "A Ilha das Flores", produzido por Jorge Furtado em 1989, deixa clara a diferença que existe entre "tomates, porcos e seres humanos". O estado com o seu poder controlador agencia táticas que determina a miserabilidade dos atores sociais

Palavras finais

O autor dos estudos culturais, buscou esforços para explicar o funcionamento dos meios de divulgação comuni-

cativa por uma abordagem relativa à linguagem e ao processo discursivo, de maneira conjunta com uma análise da influência exercida pelos fatores sociais, culturais e políticos.

E de igual modo, olhando esses sintomas com o aporte teórico fornecido por Lótman (1978, 1979), resultou numa melhor compreensão da organização social, os modos de produção de subjetividade de vida do indivíduo, como se relaciona no seu espaço e qual o valor dado a ele, o consumo dos artefatos culturais e suas implicações para construção de experiências subjetivas sócio-históricas, éticas, estéticas, ideológicas e culturais como rede de sistemas perceptíveis de textos entrelaçados pelos sistemas modalizantes e fronteiriços que orientam para a compreensão do simulacro contemporâneo, do reflexo das diversas expressões de vida em comunidade.

Isso é atestado no poema de Manuel Bandeira ao refletir uma tradição imposta pelas estruturas institucionais do poder hegemônico que define esse homem animal pelo seu ato de comer de forma voraz. Ou seja, é o ato humano rapidamente impulsionado para amenizar a dor da fome refletindo, assim na aniquilação do ser, uma degradação da vida em sociedade. É o efeito colateral que repulsa o status de sujeito e o eleva ao de objeto. O poema se abre para manifestar o grito cultural da liberdade como o signo da necessidade do bem-estar social para todos, pois o que se mostra no poema é uma necessidade de humanização, o tempo todo é negado a dignidade dos direitos humanos excluído de todo o convívio social.

Destarte, ao encontrar o lugar do leitor crítico-cultural no espaço fronteiriço de códigos culturais negociados, situado por Hall (2003) possibilitou abrir caminhos de perspectivas teóricas que pudessem mobilizar o lugar no leitor crítico-cultural que permitisse criar um sistema de análise de leitura literária. Desse modo, a ativação da subjetividade ideológica

e política junto a noção de semiosfera, fronteira e sistemas modalizantes permitiu suprir o lugar no intérprete da crítica cultural, como uma tecnologia de análise literária. Ou seja, o leitor da crítica cultural, atua no espaço da fronteira (seu Lugar) e traduz para a semiosfera, os fenômenos sociais, por meio da sua subjetividade ideológica e política que se organizam, através dos sistemas modalizantes de ordem primária e secundária. Esse é o método de análises literária usada pelo leitor da crítica cultural.

Com esse método a ação do sistema modalizante evidencia os sentidos dos signos culturais, que são emergidos dentro de um contexto de decodificação de relações de poder onde uns controlam e outros são controlados. Esta ação aplicada ao texto literário parece favorável para a formação do leitor modalizante como leitor plástico, rizomático e crítico cultural.

Referências

BHABHA, Homi k. *O local da Cultura*. Trad. Gláucia Renate Gonçalves, Eliana Lourenço de Lima Reis, Myriam Ávila. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BARTHES, R. *O prazer do texto* Trad. J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

CORSINO. Infância e literatura nas urdiduras de palavras e imagens. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. São Paulo: Parábola, 2021.

DALVI, Maria Amélia. Educação, literatura e resistência. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. São Paulo: Parábola, 2021.

- GOMES, Carlos Magno. Leitura e estudos culturais. *Revista Brasileira de Literatura comparada*, n. 16, 2010, p. 25-44.
- HALL, Stuart (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- IURE. Lotman. *Estética e semiótica do cinema*. Lisboa: Estampa, 1978a.
- IURE. Lotman. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa, 1978b.
- IURE. Lotman. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Bóris. *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 31-41.
- LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 25-38.
- MACEDO. Maria do Socorro Alencar Nunes. Leitura, mediação literária e formação docente In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. São Paulo: Parábola, 2021.
- RIBEIRO. Ana Elisa. O livro, a leitura o (a) escritor (a) e a escola: cenas e polêmicas contemporâneas da leitura literária. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. São Paulo: Parábola, 2021.
- ROUXEL, Annie. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 67-87.
- XYPAS, Rosiane. Para uma didática da implicação em leitura de textos literários: a função das marcas da subjetividade do leitor. *Revista Entreletras*, Araguaína/TO, v. 9, n. 2, jul./set. 2018. (ISSN 2179-3948 – online) Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/download/5774/14362>. Acesso em: 23 Abril.22.
- ZILBERMAN.Regina. Prefácio — Ensinar é preciso — resistir também. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. São Paulo: Parábola, 2021.

[Recebido em: 31 maio 2022 — Aceito em: 27 out. 2022]